



# FINANÇAS

## Bolsa de valores deve valorizar ainda mais neste ano

**% INVESTIMENTO** Especialistas descartam formação de "bolha" no mercado e apostam que o processo eleitoral não deve ter impactos significativos

**JULIANA SODRÉ**

Mesmo após a valorização de 12% da bolsa brasileira (B3) no primeiro mês do ano, impulsionada, em parte, pelo forte ingresso de capital estrangeiro em janeiro, especialistas ouvidos pelo Diário do Comércio avaliam que ainda há espaço para novas altas no mercado acionário. Segundo eles, o risco de formação de uma "bolha", situação em que expectativas não se confirmam e levam a quedas abruptas de preços e grandes prejuízos aos investidores, está descartado.

De acordo com o gestor da Valor Investimentos, Paulo Henrique Duarte, a bolsa brasileira negocia abaixo da média do preço sobre lucro futuro esperado para os próximos 12 meses. Por isso, não há risco de que os preços dos ativos, como as ações, subam de forma repentina, impulsionados por euforia ou especulação.

Dados da B3 mostram que os investimentos estrangeiros somaram R\$ 26,31 bilhões em janeiro, superando os R\$ 25,47 bilhões aportados ao longo de todo o ano de 2025. No entanto, segundo especialistas, o movimento não é exclusivo do mercado brasileiro, mas reflete uma tendência observada em países emergentes de forma geral.

"O Brasil estava negociando abaixo da média histórica e é um mercado grande e líquido. No entanto, esse movimento faz parte de um fluxo mais amplo para países emergentes. Em boa parte deles, as bolsas acumulam alta neste início de ano", afirma o analista de ativos da Monte Bravo, Bruno Brenassi.

O fenômeno é consequência, segundo Paulo Duarte, da elevada liquidez do mercado internacional, impulsionada por uma "fuga do dólar" por parte de bancos centrais e investidores. "Esse movimento está mais relacionado a questões geopolíticas do que econômicas. As ações erráticas e a política internacional agressiva do governo Trump têm enfraquecido o dólar e os títulos do governo americano, historicamente usados como principal reserva de valor no mundo", explica o gestor.



Investimentos estrangeiros começaram o ano em alta e somaram R\$ 26,31 bilhões em janeiro na B3, superando os R\$ 25,47 bilhões aportados ao longo de todo o ano de 2025. FOTO: DIVULGAÇÃO / B3

Esse cenário, ainda conforme Duarte, tem impulsionado não apenas os mercados emergentes, mas também outras moedas fortes, como o euro, a libra esterlina e o franco suíço, além de ativos como os metais preciosos: ouro e prata.

Nesse contexto, o economista e CEO da Vedha Investimentos, Rodrigo Marcatti, avalia que haverá revisões nas projeções para o mercado acionário, já que o patamar de 185 mil pontos, esperado para este ano, foi atingido rapidamente. "É cedo para falarmos em bolha. Os 185 mil pontos eram considerados o piso das projeções, mas várias casas já estavam em níveis acima de 200 mil pontos. Essas expectativas devem ser ajustadas ao longo do tempo", afirma.

A confirmação do ciclo de queda de juros pelo Banco Central do Brasil é outro fator que contribui para o aumento da confiança dos investidores e para a maior disposição em assumir riscos em busca de retornos mais elevados. "Com a redução dos juros e a continuidade desse ciclo até o fim do ano, a bolsa ganha mais apetite, sem qualquer chance de formação de bolha", destaca Marcatti.

**Eleições** - Por se tratar de um ano eleitoral, os especialistas reconhecem que a volatilidade tende a aumentar, mas avaliam que o efeito não deve ser substancial sobre o desempenho do mercado. Em geral, cenários de incerteza política afastam investidores, enquanto candidatos alinhados ao mercado costumam gerar otimismo e valorização dos ativos. Ainda assim, Brenassi pondera que o impacto das eleições pode ser limitado. "Não acreditamos que o processo eleitoral vá influenciar de forma significativa. Mantivemos nossas projeções: um primeiro trimestre bastante positivo e, a partir do terceiro trimestre, alguma correção, já considerando o cenário eleitoral doméstico", afirma.

Na mesma linha, Marcatti avalia que as eleições elevam a volatilidade, mas também podem funcionar como catalisador para novas altas. "A volatilidade é esperada, mas pode haver incorporação de mais valor à bolsa, dependendo do cenário político. As projeções tendem a mudar ao longo do ano", observa.

Já Paulo Duarte destaca que, mais importante do que o nome do candidato vencedor,

será o compromisso do futuro governo com o ajuste fiscal no segundo semestre, fator considerado determinante para a sustentação do mercado nos médio e longo prazos. %



Bruno Brenassi destaca que o Brasil é mercado grande e líquido. FOTO: DIVULGAÇÃO / MONTE BRAVO

**% CRÉDITO**

## Santander Brasil pode reduzir carteira de baixa renda

**São Paulo** - O Santander Brasil pretende crescer de forma seletiva e técnica em crédito em 2026, com expansão "desproporcional" em setores que escolheu, como alta renda, enquanto deve otimizar seu portfólio para a baixa renda, afirmou ontem o presidente-executivo do banco, Mario Leão.

A instituição financeira reportou na véspera resultado para o quarto trimestre do ano passado, com carteira de crédito ampliada de R\$ 708 bilhões, expansão de 3,7% no ano e 2,8% no trimestre.

"O Santander Brasil vai buscar uma evolução de carteira mais saudável possível, crescendo desproporcionalmente em alguns segmentos de negócios", afirmou o CEO, em videoconferência com analistas, destacando que a alta renda é um deles, enquanto a carteira de baixa renda pode cair nominalmente.

Ele citou que a perspectiva para a dinâmica de vários portfólios é melhor em 2026 do que em 2025, mas ponderou que ainda há alguns segmentos pressionados, como o agronegócio, as pequenas empresas e alguma coisa em pessoa física, principalmente na baixa renda.

Em entrevista coletiva à imprensa, Leão preferiu não estimar quando ocorrerá um ponto de inflexão nestes segmentos, destacando que, mesmo com um cenário de queda de juros

estimado pelo mercado para 2026, a Selic permanece em alta. Mesmo em 2027, acrescentou, se tudo der certo, ainda pode ficar em dois dígitos.

No quarto trimestre, o índice de inadimplência acima dos 90 dias do Santander Brasil ficou em 3,7%, comparado com 3,2% no ano anterior e 3,4% no terceiro trimestre.

Analistas do Citi destacaram que a leitura sobre a qualidade dos ativos indica que este é um dos desafios tanto para pessoas físicas quanto para empresas.

Em relatório a clientes, eles pontuaram que a inadimplência (NPLs) está em alta, tanto nas faixas de 15-90 dias quanto acima de 90 dias, enquanto as renegociações aumentaram como

percentual da carteira de crédito e as recuperações e a cobertura recuaram na comparação trimestral.

A equipe do Citi também destacou que os esforços de eficiência ao longo do trimestre ficaram aquém das suas expectativas.

"No geral, os resultados do Santander parecem mais estáveis em termos de receitas e rentabilidade, embora a postura ainda cautelosa em um ambiente desafiador possa limitar novas expansões do ROE no curto prazo", avaliou.

O retorno sobre o patrimônio médio (ROAE) do banco ficou em 17,6% no quarto trimestre, queda de 0,1 ponto percentual em comparação com o quarto trimestre de 2024 e estável em

relação ao terceiro trimestre de 2025.

**Master** - Leão destacou a jornalistas que o ano começou bastante benigno para o mercado de capitais, principalmente renda variável. Ele ressaltou que o mundo está passando por uma grande realocação de portfólios e que esse fluxo pode favorecer o Brasil, que tem fundamentos bons.

Ele também vê possibilidade de ofertas iniciais de ações (IPOs) ocorrendo neste ano no mercado brasileiro. O CEO também estimou para as próximas semanas algum desfecho envolvendo a recapitalização do Fundo Garantidor de Créditos (FGC) após desembolsos expressivos relacionados à liquidação do Banco Master pelo Banco Central no ano passado.

"Algo vai ser definido nas próximas semanas, no próximo mês... em pouco tempo isso será resolvido", afirmou. Ele destacou, contudo, que, embora exista um diálogo frequente com os bancos, trata-se de uma decisão do FGC e do regulador.

Leão ressaltou que o desafio daqui para a frente envolve como será a evolução das regras para que algo parecido não possa acontecer novamente. "O Brasil não deveria aceitar que um novo Banco Master pudesse acontecer", afirmou. (Reuters) %



Banco pretende crescer de forma seletiva e técnica em crédito em 2026, com expansão "desproporcional" em setores que escolheu, como o alta renda. FOTO: DIVULGAÇÃO / SANTANDER